

Caos e estrelas: Roberto Kant de Lima e a antropologia da academia

Chaos and stars: Roberto Kant de Lima and the anthropology of academia

Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

A obra de Roberto Kant de Lima, que ocupa lugar central na antropologia do direito, também inclui sua contribuição pioneira para a compreensão antropológica da academia. Em *A antropologia da academia: quando os índios somos nós*, de 1985, ele compara os universos acadêmicos brasileiro e norte-americano para compreender como diferentes culturas acadêmicas organizam a produção e a transmissão do conhecimento. A partir de suas experiências de formação no campo acadêmico brasileiro e norte-americano, Roberto Kant de Lima constrói uma análise comparativa que ressalta as particularidades culturais de cada um. No Brasil, destaca-se a predominância da oralidade, das relações personalistas e da circulação privada do conhecimento, associadas à formação de grupos, “escolas” e hierarquias intelectuais. Nos Estados Unidos, observa-se uma maior valorização da escrita, das interações em sala de aula e da padronização das formas de apresentação do conhecimento, favorecendo trajetórias acadêmicas mais individualizadas. Assim, os dois sistemas produzem diferentes formas de regulação do campo acadêmico, uma disciplinar e igualitária e outra hierárquica e repressiva, assim como da construção de agentes e sujeitos acadêmicos e profissionais. O livro propõe uma antropologia reflexiva, na qual o próprio pesquisador e seu universo social tornam-se objetos de investigação. Essa perspectiva antecipa preocupações contemporâneas com reflexividade e autoetnografia. Por fim, o texto de Roberto Kant de Lima aponta para a tensão entre disciplina e liberdade como condição para a produção inovadora do conhecimento.

Palavras-chave: Roberto Kant de Lima, Antropologia da academia, Culturas acadêmicas, Brasil, Estados Unidos.

Recebido em 3 de agosto de 2026.

Aceito em 28 de agosto de 2026.



ABSTRACT

The work of Roberto Kant de Lima occupies a central place in the anthropology of law. It also includes a pioneering contribution to the anthropological analysis of academia. In his book *A antropologia da academia: quando os índios somos nós*, published in 1985, he compares Brazilian and North American academic worlds in order to understand how different academic cultures organize the production and transmission of knowledge. Drawing on his experiences of academic training in Brazil and the United States, Roberto Kant de Lima develops a comparative analysis that highlights the cultural particularities of each context. In Brazil, he emphasizes the predominance of orality, personalistic relationships, and the private circulation of knowledge, associated with the formation of groups, “schools,” and intellectual hierarchies. In the United States, he observes a greater emphasis on writing, classroom interactions, and the standardization of ways of presenting knowledge, fostering more individualized academic trajectories. Thus, the two systems produce different forms of regulation of the academic field: one disciplinary and egalitarian, the other hierarchical and repressive, as well as different ways of constructing academic and professional agents. The book proposes a reflexive anthropology in which the researcher and their own social world become objects of investigation. This perspective anticipates contemporary concerns with reflexivity and autoethnography. Finally, Roberto Kant de Lima’s text points to the tension between discipline and freedom as a condition for the innovative production of knowledge.

Keywords: Roberto Kant de Lima, Anthropology of academia, Academic cultures, Brazil, United States.

A obra de Roberto Kant de Lima é uma referência incontornável na antropologia do direito, campo que configurou e revolucionou, produzindo novos paradigmas teóricos e de pesquisa, da sua pioneira etnografia da polícia no Rio de Janeiro às comparações entre as lógicas jurídicas no Brasil e nos Estados Unidos (Kant de Lima, 1983, 1995). Porém, ela também inclui uma referência seminal para a antropologia da academia, entendida como incluindo tanto o universo da produção do conhecimento através da pesquisa empírica e da reflexão teórica, quanto sua transmissão nas universidades. Trata-se de *A antropologia da academia: quando os índios somos nós*, livro publicado em 1985¹, no qual Kant, como o chamavam aqueles que o conheciam, explora o contraste comparativo entre os universos acadêmicos brasileiro e norte-americano.

¹ Esta análise se baseia na edição de 1985, por ser o “texto fundador” da antropologia da academia proposta por Roberto Kant de Lima, e não na edição revisada e ampliada de 1997, publicada pela EdUFF. Quando for relevante, farei referência às mudanças na edição de 1997.

Na época de sua escrita² e publicação, na primeira metade dos anos 80, praticamente inexistiam reflexões sobre a universidade e o campo acadêmico em geral feitas a partir da perspectiva interpretativa da antropologia, embora fosse um período marcado pelo processo de fim da ditadura militar e redemocratização do Brasil, o que levou a um intenso debate e interrogação crítica sobre as instituições que moldavam a sociedade brasileira. No caso da universidade, os estudos e ensaios publicados nas décadas de 80 e 90 eram marcados por abordagens históricas, que apontavam para o surgimento tardio da universidade no Brasil (Cunha, 1980), a débil herança da universidade em Portugal medieval e moderno, em contraste com o resto da Europa (Janotti, 1992), e de seu atrelamento a projetos de reprodução das elites dentro de uma sociedade em transformação no século XX (Cunha, 1983, 1988); por reflexões abertamente polêmicas, que visavam apontar as deficiências e disfuncionalidades da universidade brasileira (Giannotti, 1986); ou reflexões prescritivas sobre possíveis reformas democratizantes da universidade (Buarque, 1994; Cunha, 1989).

O caráter pioneiro e o alcance analítico do texto eram evidentes na época, uma vez que avançava questões que não apareciam em outras análises do universo acadêmico. A título pessoal, a leitura desse livro, em 1988, foi um momento crucial na minha trajetória formativa como antropólogo. Recém ingressado no curso de História na Universidade Federal Fluminense (UFF) e ainda incerto sobre se as ciências humanas seriam um caminho profissional ou um hobby³, comprei o livro pelo tema e fiquei bastante impactado com sua leitura. Ao ver que o professor da disciplina de antropologia no semestre seguinte era o autor do livro, decidi não trancá-la. No final do curso, Kant me chamou para ser bolsista de iniciação científica no seu projeto de pesquisa. Assim, iniciei um longo caminho de trabalho de campo na UFF e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que terminou na minha dissertação de mestrado em 1997, posteriormente publicada como livro — *Práticas Acadêmicas e o Ensino Universitário: uma Etnografia das Formas de Consagração e Transmissão do Saber na Universidade* (1999) —, que discutiu e avançou etnograficamente diversas questões colocadas por Roberto Kant de Lima em seu livro.⁴

2 Em uma nota na introdução, o autor relata que uma “versão preliminar deste trabalho foi apresentada na XIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1982” (Kant de Lima, 1985, p. 9), mais adiante ele reitera que a apresentação foi “de improviso” (Kant de Lima, 1985, p. 40), apontando para uma primeira versão exclusivamente oral do texto.

3 Eu também cursava a Faculdade de Medicina da UFRJ desde 1986.

4 Na primeira metade dos anos 90, as universidades ainda não tinham sido objeto de pesquisas etnográficas. Mesmo no meu período de mestrado, na UFF (1995-1997), só existia outra etnografia das práticas acadêmicas na universidade, a também dissertação de mestrado de Lea Carvalho Rodrigues, defendida na Universidade Estadual

Partindo de sua própria experiência⁵, Kant estabelece um quadro comparativo e analítico visando a produção de uma compreensão da lógica acadêmica brasileira, em particular da antropologia. Com isso ele pretende ir além das discussões sobre as “deficiências” do universo acadêmico brasileiro em relação aos padrões internacionais, de modo a construir uma compreensão efetiva de seu funcionamento. Ele sumariza o argumento do livro afirmando que “tendo as diversas academias formas diferentes, deverão apresentar diversidade no conteúdo de sua produção” (Kant de Lima, 1985, p. 14).

A partir da pergunta “Como se faz um antropólogo no Brasil?” (Kant de Lima, 1985, p. 15) Roberto Kant de Lima contrasta a sua formação no Brasil e nos Estados Unidos, buscando explicitar a lógica do sistema cultural que informa e estrutura as práticas acadêmicas e os processos de aprendizado no universo universitário de cada país. O material factual utilizado na comparação deriva de períodos biográficos, universos formativos e níveis acadêmicos bastante distintos: graduação em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1964-1968), graduação em Ciências Sociais na UFF (1971-1974), mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ (1974-1978) e doutorado em Antropologia na Harvard University (1979-1986).

Kant relativiza a comparabilidade entre as diferentes etapas de sua formação no Brasil, afirmando que “além de serem obtidas em instituições e cidades diferentes, tiveram também pesos diferentes: não há dúvida que para a discussão que pretendo desenvolver foram mais importantes as vivências relacionadas à graduação em Ciências Sociais e à pós-graduação em Antropologia” (Kant de Lima, 1985, p. 16). No entanto, essa preocupação em contextualizar a equivalência entre os dados não aparece em relação à experiência norte-americana, embora ela tenha sido fruto de um doutorado, o nível mais avançado de formação acadêmica, em um sistema universitário onde a equação entre ensino, formação e qualificação acadêmica diferia substancialmente daquele existente no Brasil.

A partir da pergunta condutora, Kant procede a uma comparação de suas formações no Brasil e nos Estados Unidos. Ao analisar suas formações universitárias no Brasil, ele ressalta o caráter informal, oral e personalista da circulação do conhecimento, o qual criava circuitos privados e restritos de acesso a saberes altamente valorizados. Esses circuitos particulares coexistiam com o universo público das aulas, nas quais era transmitido um saber visto como “insuficiente” para uma formação de prestígio (Kant de Lima, 1985, p. 15-19). Em contraste,

de Campinas (UNICAMP) em 1996 e publicada em 1997.

5 Na orelha da edição de 1997, “experiência” é substituída por “etnografia”, refletindo a consagração do livro como referência no campo da antropologia, embora no corpo do texto tenha sido mantida a formulação original.

a formação norte-americana é apresentada como marcada pela supremacia da escrita como veículo de transmissão do conhecimento e pela valorização da sala de aula e do saber dela compartilhado como o universo formativo por excelência dos futuros profissionais (Kant de Lima, 1985, p. 19-23).

O contraste entre a oralidade pervasiva no universo acadêmico brasileiro, que era ainda mais evidente na época em que o livro foi escrito, pois não era raro a universidade ter grande número de “professores ágrafos” (Kant de Lima, 1985, p. 51), e o domínio absoluto da escrita na academia norte-americana, revelou que, no Brasil, o controle privado de saberes é o principal mecanismo de construção de distinções. Já nos Estados Unidos, a ênfase na forma de apresentação das ideias é o que permite simultaneamente a construção de distinções acadêmicas e a manutenção do igualitarismo como princípio normativo do campo.

Isso faz com que os mecanismos de regulação do campo acadêmico brasileiro sejam repressivos, pois visam impedir o surgimento de conteúdos que escapem ao controle das hierarquias estabelecidas, enquanto o campo acadêmico norte-americano opera através da “disciplina pela forma”. Nesse caso, o que deve ser garantido é a padronização das exposições e argumentações, já que isso é o que permitirá sua equivalência e, logo, um possível julgamento da qualidade de seus conteúdos. Kant avança a análise, mostrando que essas lógicas não são meramente diferentes formas de fazer a mesma coisa, mas sim mecanismos profundamente distintos de produção do *homo academicus* (Kant de Lima, 1985, p. 24-54).

No Brasil as trajetórias acadêmicas são pensadas e vividas como o pertencimento a um coletivo intelectual, geralmente referido como “escolas” ou “tradições” de pensamento, que costumam ser ligadas a um saber particular identificado a uma pessoa ou a uma instituição. Assim, cada um vai procurar ascender na hierarquia interna de seu grupo, ao mesmo tempo que vai promovê-lo nas hierarquias mais amplas do campo acadêmico. Em contraste, nos Estados Unidos, “as ‘carreiras’ dos scholars são apresentadas como individuais e não como institucionais” (Kant de Lima, 1985, p. 47), pois cada um vai buscar afirmar sua distinção e excelência em diferentes contextos institucionais, construindo uma posição única e prestigiosa para si no campo acadêmico.

Como conclusão, Kant retoma a questão da descolonização da antropologia. Para tanto, o projeto interpretativo deve ser feito a partir de análises comparativas que se voltem tanto para os centros dominantes, Estados Unidos e Europa, quanto para outras sociedades do “Terceiro Mundo”, em particular da América Latina, de modo a “transformar nossa compreensão sociológica dos outros e, afinal, de nós mesmos” (Kant de Lima, 1985, p. 56). Este não é apenas um projeto analítico ou interpretativo, mas também político e existencial, uma vez que deve

levar, nas palavras de Kant, à “tão desejada transformação de nossa realidade social e cultural, afirmando nossa identidade única e contrastante que nos faz índios e antropólogos, scholars e informantes, antropólogos indígenas ou, definitivamente, ANTROPÓLOGOS” (Kant de Lima, 1985, p. 57).

Apesar de ter sido publicado há mais de 40 anos, o caráter inovador e transgressor do texto permanece presente até os dias de hoje. A proposta de dissolver as fronteiras entre observador e observado, transformando os *scholars* em seus próprios informantes e utilizando experiências pessoais como material etnográfico, ressoa nas preocupações contemporâneas com a reflexividade acadêmica e na emergência da autoetnografia como método e gênero antropológico. Ao elaborar sobre o alcance da análise centrada em experiências pessoais, Kant retoma o valor heurístico da etnografia e afirma que “as pretensões generalizantes baseiam-se na especificidade e qualidade de minha experiência e não em eventuais quantificações que descubram o que de comum ela possui com outras experiências” (Kant de Lima, 1985, p. 55).

Por outro lado, vários aspectos do texto refletem o universo cultural e discursivo dos anos 80, sendo claramente datados, senão em seu conteúdo, em sua formulação. Por exemplo, a identificação implícita dos “índios” como “objetos” por excelência da antropologia pode soar como inadequada para as sensibilidades acadêmicas contemporâneas. No entanto, o que é proposto no livro é o reconhecimento de que, no final das contas, o objeto a ser minuciosamente interrogado somos “nós”, os supostos observadores da “alteridade” atribuída aos “índios”, apontando para a necessidade de uma reflexividade analítica que permita a apreensão e neutralização das relações de poder inscritas nos saberes produzidos pelo mundo acadêmico.

Outra questão que reflete o *esprit du temps* da década de 80 é a necessidade de romper com o colonialismo cultural na academia de modo a criar uma “interpretação brasileira do Brasil” (Kant de Lima, 1985, p. 56). Para tanto, afirma Kant, não é suficiente romper a subordinação econômica ou tecnológica (Kant de Lima, 1985), como postulava um certo marxismo então dominante nos debates acadêmicos. Do mesmo modo, a afirmação da “identidade brasileira” não teria como advir de “uma suposta recuperação de um momento pré-colonial”, como propunham as teorias pós-coloniais que emergiram no final dos anos 70 e durante os anos 80, uma vez que ela deriva de “um processo que se inicia com a colonização ela mesma, enquanto descontinuidade da sociedade portuguesa que a realizou” (Kant de Lima, 1985, p. 10). A questão é então colocada como um imperativo de descolonizar o pensamento e, para isso, é menos importante trocar os conteúdos e as referências teóricas por outros, pois eles são contextuais e mutáveis por natureza, que explicitar as suas formas de organização (Kant de Lima, 1985, p. 55-56).

Além do contexto cultural dos anos 80, o livro é fruto do contexto acadêmico em que foi produzido, em um diálogo criativo com uma série de referências e tradições teóricas que marcaram a trajetória de Kant pelas universidades brasileiras e norte-americana. A referência mais evidente, a qual é explicitamente reivindicada em uma nota na introdução do livro, é a de Roberto da Matta, que foi o orientador de mestrado de Kant. O método comparativo utilizado por ele, contrastando o individualismo e o igualitarismo da sociedade norte-americana com o holismo e a lógica hierárquica da sociedade brasileira (DaMatta, 1979), é explicitamente utilizado como grade analítica por Roberto Kant de Lima ao abordar suas experiências acadêmicas como dados etnográficos.

Essa abordagem comparativa já tinha uma tradição longa e estabelecida nas Ciências Sociais brasileiras, uma vez que o próprio Roberto DaMatta a retomou da obra de Gilberto Freyre (1933). Do mesmo modo, algumas das questões retomadas criticamente por Roberto da Matta, como o estilo gregário e “cordial” de sociabilidade, já tinham sido colocadas por Sérgio Buarque de Holanda (1936). No entanto, essa genealogia do método comparativo nas Ciências Sociais brasileiras não aparece no livro aqui analisado, sendo também pouco enfatizada na obra de Roberto da Matta.

Outras influências são explicitamente reconhecidas no texto, como a de Luiz de Castro Faria, cuja ênfase na importância da etnografia e do contexto local para a análise antropológica foi uma forte referência na obra de Roberto Kant de Lima, de quem foi professor. Também é citado Marco Antônio da Silva Mello, contemporâneo de Kant no Museu Nacional e também professor na UFF, a quem agradece “revisão, críticas e a maioria das indicações bibliográficas” (Kant de Lima, 1985, p. 9). Interessantemente, apesar de serem importantes referências no texto, não são citados na bibliografia, exemplificando a importância da oralidade nos circuitos de saber do campo acadêmico brasileiro⁶.

Além dessas referências brasileiras, o livro dialoga com outros autores do “panteão” internacional das Ciências Humanas. Do universo da Linguística, aparece Roland Barthes (1980), cujas considerações sobre os constrangimentos lógicos e cognitivos implícitos na linguagem são utilizados para a análise da linguagem acadêmica como formatação do saber, independentemente do seu conteúdo (Kant de Lima, 1985, p. 38). Estranhamente, o outro importante linguista presente na bibliografia, John Austin (1962), cujos conceitos de atos de fala ilocucionários (que ao dizerem algo produzem uma ação) e enunciados performativos seriam

⁶ David Maybury-Lewis, orientador de Roberto Kant de Lima no doutorado em Harvard; Alex Varela; João de Lima Ruas; Jamile Esper Saud; Moacyr Cirne e Renato Lessa também aparecem na nota de agradecimentos (Kant de Lima, 1985, p. 9).

evidentemente úteis na análise proposta no livro, aparece apenas pelas considerações de seu editor sobre a transposição de exposições orais para a forma escrita (Kant de Lima, 1985, p. 50).

Outras referências sobre comunicação e linguagem, as quais hoje em dia têm menos projeção teórica que na década de 80, aparecem citadas no texto. Mary Lawrence (1972) é citada por seu trabalho sobre os procedimentos lógicos e cognitivos desenvolvidos no ato da escrita (Kant de Lima, 1985, p. 32). Da mesma forma, o antropólogo Edward Hall (1959, 1977a, 1977b) é citado em várias partes do livro, por vezes de forma extensa, por seu trabalho sobre as dimensões corporais e espaciais implicitamente inscritas nas interações e na comunicação.

O universo da antropologia é representado por autores que tiveram grande importância na reflexão teórica desenvolvida por Roberto Kant de Lima por toda a sua obra. Marshal Sahlins (1976) é citado a partir de sua reflexão sobre as bases culturais da razão prática e sua crítica à naturalização que os americanos fazem de sua própria cultura como se esta fosse pura “lógica” ou mero “senso comum” (Kant de Lima, 1985, p. 28). Victor Turner (1974) é citado por seu conceito de liminaridade, utilizado para expressar o alto grau de indeterminação e instabilidade das posições sociais no Brasil (Kant de Lima, 1985, p. 50).

Por fim, completando o “panteão teórico” do texto, Clifford Geertz (1978) aparece através da sua noção de “descrição densa” (Kant de Lima, 1985, p. 15), embora sua influência seja muito mais ampla e profunda. O próprio projeto interpretativo que permite a Roberto Kant de Lima utilizar suas experiências pessoais como material etnográfico é diretamente derivado da antropologia hermenêutica elaborada por Clifford Geertz. Do mesmo modo, o conceito de cultura como contexto de produção de sentido que perpassa todo o universo de práticas, discursos e experiências que compõem cada um dos campos acadêmicos, claramente tem sua origem na obra de Geertz.

Outras “referências auxiliares”, de importância mais instrumental que teórica, aparecem na construção do texto, como Lucy Garretson (1976), antropóloga que escreveu uma apresentação geral da cultura americana, e Michael Walzer (1977), filósofo político, citado por sua análise do funcionamento das assembleias em uma hipotética democracia direta socialista. Steven Lukes (1973) aparece no texto através de citação de reflexões sobre a educação feitas por Émile Durkheim, as quais estão na biografia que fez deste autor; e Mary Douglas (1975) aparece por sua apresentação da obra *Homo Hierarchicus* de Louis Dumont (1997 [1966]).

A ausência do livro de Dumont na bibliografia é bastante surpreendente, dada a importância que suas análises do individualismo, holismo, igualdade e hierarquia, feitas a partir de um contraste comparativo entre a Índia e as sociedades “ocidentais”, adquiriram na antropologia brasileira a partir de Roberto da Matta e do próprio Roberto Kant de Lima. Outra

ausência intrigante na bibliografia é a de Claude Lévi-Strauss, que é autor de uma das citações de abertura do livro. A construção sistêmica que Roberto Kant de Lima faz da lógica implícita dos campos acadêmicos brasileiro e norte-americano a partir de materiais factuais bastante díspares expressa a forte influência que o pensamento estruturalista tinha na antropologia brasileira, mesmo em uma obra expressamente afiliada a uma hermenêutica centrada na contextualização cultural dos dados, como é o caso do livro aqui analisado.

Embora o livro *A Antropologia da Academia* seja um claro produto de seu contexto histórico, cultural e acadêmico, ele também é um texto altamente pessoal e autoral, expressando não tanto as experiências de Roberto Kant de Lima, mas principalmente as suas reflexões, *insights* e análises. Esse caráter “autoral”, expressão de dispositivos de poder que singularizam o saber como “pessoal” (Foucault, 1992), é o que dá a originalidade do texto e permite a sua sobrevida como referência no campo antropológico.

A dimensão autoral do texto não se limita ao seu conteúdo, pois também é expressa em seus silêncios e omissões. Mesmo uma abordagem superficial do texto deixa o leitor intrigado com ausências que se fazem extremamente presentes, embora de forma totalmente implícita, nas análises apresentadas. A principal dessas “ausências” é a de Michel Foucault, cuja reflexão sobre repressão e disciplina como formas de controle social e de produção de sujeitos (Foucault, 1987b [1975]), assim como sobre os dispositivos de poder e sujeição/subjetivização inscritos no discurso (Foucault, 1987a [1966]), fala diretamente à análise proposta por Roberto Kant de Lima. Assim, a ausência de um engajamento crítico com a análise e os conceitos foucaultianos, o qual ocorre em outros textos de Roberto Kant de Lima, é bastante surpreendente.

O mesmo pode ser dito de Pierre Bourdieu, cujas análises das estruturas sociais e das relações de poder que informam e organizam o campo acadêmico também têm uma relação direta com as questões analisadas no livro de Roberto Kant de Lima. Talvez a análise que Bourdieu faz do *Homo Academicus* francês, publicada somente em 1984, não pudesse ser incorporada ao livro por questões temporais. Porém, diversos de seus textos sobre o campo acadêmico, a pesquisa científica e a produção intelectual já haviam sido publicadas há tempo⁷ na época de escrita de *A Antropologia da Academia*. Por fim, a outra grande obra ausente é a de Jack Goody (1988 [1977]), cuja abordagem da oralidade e da escrita como tecnologias culturais que configuram diferentes formas de pensamento e, por conseguinte, de organização social tem uma relação direta com as questões colocadas por Roberto Kant de Lima em sua análise dos campos acadêmicos brasileiro e norte-americano.

7 Inclusive em coletâneas traduzidas para o português (Bourdieu, 1987 [1970]).

Resta a questão da razão dessas ausências, tão visíveis ao leitor informado sobre o tema do livro. Obviamente não se trata de um desconhecimento por parte de Roberto Kant de Lima desses autores ou da pertinência de suas obras para a análise proposta no seu livro, como mostra o uso crítico que ele fez dessas obras e teorias em outros escritos. Somente respostas hipotéticas podem ser levantadas para essa questão, uma vez que Kant nunca elaborou nenhuma reflexão sobre ela.

Ao olharmos os autores, podemos perceber que os três postulam um alcance “universal” para suas teorias, cuja aplicabilidade independeria do contexto em questão, o qual poderia gerar variações da mesma sem consequências maiores para sua força heurística. Esse “universalismo” supracontextual é exatamente ao que Roberto Kant de Lima estava contrapondo seu quadro analítico firmemente embasado na especificidade cultural dos significados, percepções e modos de ação. Assim, embora a análise de Roberto Kant de Lima tivesse vários elementos comuns e, provavelmente construídos em diálogo, com as obras de Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Jack Goody, ele provavelmente optou por não incorporá-las como referência explícitas para não desviar o foco da linha argumentativa de seu projeto interpretativo⁸.

Isso fica claro quando se entende que a proposta do livro não se limita a uma simples compreensão de fenômenos externos ao observador, mas inclui um verdadeiro projeto intelectual, propondo formas diferentes de pensar e viver a realidade. A Antropologia proposta por Roberto Kant de Lima é reflexiva, olhando constantemente para si e sua realidade social de modo a interrogar criticamente seus pressupostos e as formas de poder que a perpassam. Ao mesmo tempo, ela também é aventureira, olhando para além das fronteiras, sejam estas disciplinares ou nacionais, em direção a novos horizontes de alteridade e saber.

Há que se aceitar o caos, tanto externo, das formas acadêmicas indisciplinadas, quanto interno, da efervescência criadora, sem procurar domesticá-lo em uma “gaiola de ferro” de regras e obrigações. Porém, não se deve romantizar o caos como um fim em si, pois somente o encontro entre disciplina e liberdade pode “parir estrelas bailarinas” (Kant de Lima, 1985, p. 57). Nesse sentido, o projeto intelectual de Roberto Kant de Lima retoma, provavelmente de forma involuntária, a ideia da Gaia Ciência de Friedrich Nietzsche (1981), que incorpora a dimensão dionisíaca da vida ao mundo apolíneo da produção do saber. Efetivamente, esse livro, “parido” a partir do estranhamento cultural e da introspecção reflexiva, ganhou o brilho das estrelas, que atravessam o tempo atraindo e guiando aqueles que buscam explorar e expandir

⁸ Na edição de 1997 do livro, Michel Foucault e Pierre Bourdieu foram incorporados à bibliografia. Porém, o primeiro recebe apenas uma menção cursiva e o segundo é citado apenas no posfácio agregado ao texto original a respeito de algo absolutamente marginal à discussão central do livro.

os horizontes do conhecimento.

REFERÊNCIAS

1. AUSTIN, James. **How to do Things With Words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
2. BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.
3. BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987 [1970].
4. BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Paris: Les Éditions du Minuit, 1984.
5. BUARQUE, Cristovam. **A Aventura da Universidade**. São Paulo: UNESP, 1994.
6. CUNHA, Luís Antônio. **A Universidade Temporã**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
7. CUNHA, Luís Antônio. **A Universidade Crítica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
8. CUNHA, Luís Antônio. **A Universidade Reformanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
9. CUNHA, Luís Antônio. **Qual Universidade?** São Paulo: Cortez, 1989.
10. DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
11. DOUGLAS, Mary. Louis Dumont's Structural Analysis. *In*: DOUGLAS, Mary. **Implicit Meanings**. London: Routledge, . 1975. p. 185-192.
12. DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações**. São Paulo: EdUSP, 1997 [1966].
13. FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987a [1966].
14. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987b [1975].
15. FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor?** [S. l.]: Veja, 1992.
16. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
17. GARRETSON, Lucy. **American Culture: An Anthropological Perspective**. Dubuque:

- W.C. Brown Company Publishers, 1976.
18. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
 19. GIANNOTTI, José. **A Universidade em Ritmo de Barbárie**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
 20. HALL, Edward. **The Silent Language**. New York: Doubleday, 1959.
 21. HALL, Edward. **A Dimensão Oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977a.
 22. HALL, Edward. **Beyond Culture**. New York: Doubleday, 1977b.
 23. HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
 24. JANOTTI, Aldo. **Origens da Universidade**. São Paulo: EdUSP, 1992.
 25. KANT DE LIMA, Roberto. Por uma Antropologia do Direito no Brasil. *In*: Falcão, Joaquim (org.). **Pesquisa Científica e Direito**. Recife: Massangana, 1983. p. 169-183.
 26. KANT DE LIMA, Roberto. **A Antropologia da Academia**: quando os índios somos nós. Petrópolis: Vozes; Niterói: CEUFF, 1985.
 27. KANT DE LIMA, Roberto. **A Polícia da cidade do Rio de Janeiro**: seus dilemas e paradoxos. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
 28. LAWRENCE, Mary. **Writing as a Thinking Process**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1972.
 29. LUKES, Steven. **Émile Durkheim**: His Life and Work, A Historical and Critical Study. New York: Penguin Books, 1973.
 30. NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Hemus, 1981.
 31. PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Práticas acadêmicas e o ensino universitário**: uma etnografia das formas de consagração e transmissão do saber na universidade. Niterói: EdUFF, 1999.
 32. RODRIGUES, Lea Carvalho. **Rituais na universidade**: uma etnografia na UNICAMP. Campinas: Centro de Memória: UNICAMP, 1997.
 33. SAHLINS, Marshal. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
 34. TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.
 35. WALZER, Michael. Um Dia na Vida de um Cidadão Socialista. *In*: WALZER, Michael. **Das Obrigações Políticas**. Zahar, 1977. p. 197-205.

Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto

Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Núcleo de Estudos do Oriente Médio. Ph.D. em Antropologia pela Boston University. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0071-2510>. E-mail: philu99@gmail.com